

Por trás da notícia



E D S O N F L O S I

POR TRÁS DA NOTÍCIA
Copyright © 2012 by Edson Flosi
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Saete Del Guerra**
Capa: **Alberto Mateus**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Dedico este livro ao CLÁUDIO ABRAMO,
o maior jornalista do meu tempo.

À minha mulher, NANCY DA COSTA FLOSI,
companheira leal de uma vida inteira.

E aos meus filhos, EDSON, NANCY REGINA e SANDRA,
que fizeram mais por mim do que eu fiz por eles.

Este livro é o produto final e ampliado
de um trabalho que o autor escreveu para
o Centro Interdisciplinar de Pesquisa
(CIP) da Faculdade Cásper Líbero.

Sumário

Apresentação 9

A grande reportagem 11

Um mistério em oito capítulos: suicídio ou assassinato? 16

Jornal da Tarde de 8 de junho de 1976

Planejamento 29

Uma luva preta ainda é a única pista no trucidamento da família Kubitzky. . 35

Folha de S.Paulo de 1 de julho de 1969

Apurando os fatos 47

Assassinos dos Kubitzky confessaram tudo friamente 52

Folha de S.Paulo de 13 de julho de 1969

A informação 58

Conversando com os meninos assassinos 63

Jornal da Tarde de 19 de outubro de 1976

Entrevista 67

Dom Agnello Rossi 73

Jornal da Tarde de 19 de abril de 1977

Inspiração 80

O domingo em que Francisco, funcionário público, virou lobo do mar... . 84

Jornal da Tarde de 25 de outubro de 1976

Luta armada.	88
Trem pagador: 110 milhões roubados	98
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 11 de agosto de 1968	
Polícia diz: ladrões são guerrilheiros	106
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 12 de agosto de 1968	
Os guerrilheiros	115
China prepara brasileiros para fazerem guerrilha em nosso país – I.	123
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 21 de novembro de 1968	
China prepara brasileiros para fazerem guerrilha em nosso país (conclusão) . 130	
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 22 de novembro de 1968	
Arquivo de jornal	139
Pistoleiros atocaiados no Brooklin mataram professor	143
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 9 de novembro de 1980	
Morte de Maria Tereza foi investigada com muita falha	148
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 10 de novembro de 1980	
A morte de Amante Neto na Estrada Velha de Santos	153
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 11 de novembro de 1980	
O assassinato da líder divorcista Anita Carrijo	158
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 12 de novembro de 1980	
Crime do cineasta sem solução 20 anos depois	163
<hr/>	
<i>Folha de S.Paulo</i> de 13 de novembro de 1980	

Apresentação

DEPOIS DE TRABALHAR durante 30 anos – de 1960 a 1990 – como jornalista e já exercendo a nova profissão de advogado, iniciei mais uma carreira: a de professor universitário na Faculdade Cásper Líbero, onde leciono desde 1996 aos alunos do curso de jornalismo. Foi o contato com essa juventude estudantil que me levou a escrever este livro.

Como jornalista, fui essencialmente repórter policial. Trabalhei em vários órgãos da imprensa, como *Folha de S.Paulo* e *Jornal da Tarde*. Assinei mais de 500 reportagens e delas selecionei 15, que reuni e transcrevi neste livro, cada uma precedida de um comentário e ilustrada com o fac-símile da página do veículo em que a matéria foi publicada.

Lecionando jornalismo, descobri que os alunos tinham dificuldade de escrever reportagens, principalmente as grandes histórias, capazes de ocupar uma página inteira do jornal ou várias da revista. Espero que as matérias comentadas que compõem este livro possam inspirar os estudantes e profissionais em início de carreira.

No entanto, o livro não se destina exclusivamente aos estudantes de jornalismo, podendo interessar também ao público que gosta de saber como se dá a produção da notícia. Ao comentar os bastidores da reportagem – do trabalho do repórter até a impressão do jornal – e revisitar matérias importantes, a obra, creio, pode ser considerada um documento histórico, o testemunho de como se fazia jornalismo algumas décadas atrás.

Particpei da última geração do jornalismo romântico, que era praticado por intelectuais e autodidatas. Suas marcas eram as velhas e pesadas máquinas de escrever, os vidros de cola branca usada para unir laudas e retrancas, as matérias descendo para a oficina, o teletipo funcionando o tempo todo, a campanha dos telefones chamando, a redação barulhenta, o frenético fechamento do jornal, o amor à reportagem e ao texto.

O jornal fechava às 21h, mas alguns repórteres, redatores e editores ficavam na redação, formando grupos para discutir jornalismo, literatura, história, política e outros assuntos. Depois, uns iam embora, outros rumavam para o bar e, mais tarde, para casa. Às vezes, nos excedíamos em noitadas de boêmia.

Fazíamos o jornalismo de rua, apurando os fatos pessoalmente, entrevistando gente, pesquisando arquivos, investigando casos. No fim da tarde, voltávamos à redação para escrever as reportagens que o jornal publicava no dia seguinte. Uma vida agitada, tensa, mas ainda encontrávamos tempo para ler. Líamos de tudo, principalmente história e literatura.

De vez em quando escrevíamos uma *grande reportagem*, que exigia tempo e dinheiro e era bancada pelo jornal. Nela podíamos exercitar o jornalismo literário – forma de escrever a reportagem usando recursos como pesquisa, história, psicologia, descrição dos fatos, do local e dos personagens e, sobretudo, estudo aprofundado do tema e tratamento do texto. Escrevíamos e reescrevíamos a matéria, aperfeiçoando-a até que ficasse boa. Tínhamos tempo para isso.

Ninguém criou o jornalismo literário, que não seguia uma fórmula nem era um movimento com normas definidas. Ele surgiu espontaneamente e ao mesmo tempo em vários lugares, como São Paulo e Nova York, onde ficou conhecido por *new journalism* (novo jornalismo). Fazíamos literatura dentro do jornalismo, mas sem ficção.

Depois veio o jornalismo “empresarial”, pragmático, que acabou com a grande reportagem e com o jornalismo literário, implantando a política do maior lucro e menor despesa. A redação mudou muito e o jornalismo passou a ser praticado por acadêmicos. O computador, a internet, as reportagens e entrevistas feitas por telefone ou e-mail, o texto frio e objetivo, a redação silenciosa e a tela do monitor são as marcas dessa era.

Foram 30 anos de reportagem, no dia a dia do jornalismo, a melhor parte da minha vida dedicada a essa profissão. Eu ganhava pouco e trabalhava muito, mas valeu a pena – e faria tudo de novo.

Não tomei parte no jornalismo “empresarial”. Minha carreira acabou antes. Mas, sonhador irreverente, acredito na volta da *grande reportagem* e do jornalismo literário, o que dependerá das novas gerações de jornalistas, que terão de lutar por mais espaço dentro das empresas se quiserem atingir esse objetivo.

A grande reportagem

O REPÓRTER ESCREVE, basicamente, três tipos de matéria: 1 – *A reportagem comum*, que faz parte do dia a dia da sua vida profissional, raramente ultrapassando quatro laudas de texto¹. 2 – *O furo de reportagem*, caracterizado pela exclusividade da notícia, não importando o seu tamanho. 3 – *A grande reportagem*, que é sempre longa, muitas vezes de página inteira, exigindo texto cuidadosamente trabalhado.

A reportagem comum é essencialmente factual e escrita no dia do acontecimento ou, dando-lhe continuidade, nos dias seguintes, até o assunto se esgotar. São chamadas de suítes as reportagens elaboradas depois da primeira e a partir dela, podendo ser obras do mesmo repórter que iniciou o caso ou de outro, o que vai depender da chefia da Reportagem ou da disponibilidade do jornal.

O furo de reportagem depende de sorte e das fontes de informação, contribuindo também, para chegar a ele, o exercício do jornalismo investigativo. Mas, geralmente, *o furo de reportagem* cai de mão beijada no colo do repórter, jogado por um informante que, via de regra, tem interesse na divulgação da história, o que não desmerece o trabalho jornalístico. *O furo de reportagem* é ocasional na vida do repórter.

A grande reportagem só pode ser escrita por um repórter que tenha bom texto, no mínimo acima da média, pois, necessariamente extensa, não será lida se a narrativa for fraca, monótona, cansativa ou desinteressante. Sempre ilustrada com fotografias, desenhos ou gráficos, a *grande reportagem* exige diagramação competente e deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar.

A época de ouro da *grande reportagem* durou 20 anos, de 1960 a 1980, florescendo no período o jornalismo literário, técnica de escrever reportagem com

¹ Uma lauda de texto, na máquina de escrever, corresponde a 1.400 toques (contando os espaços) no computador.

recursos literários, sem, contudo, recorrer à ficção. O jornalismo literário só pode ser praticado na *grande reportagem*, que exige tempo e dinheiro para ser produzida, além de texto diferenciado, que também custa caro. Não há como praticá-lo na *reportagem comum*, escrita hoje para ser publicada amanhã, o que acontece também com o *furo de reportagem*, cujo objetivo principal é a exclusividade da notícia, importando em grau menor a qualidade do texto.

A prática do jornalismo literário exige o planejamento da matéria, a pesquisa às vezes demorada, a descrição dos personagens e dos lugares, a técnica da entrevista, a construção de um perfil e, sobretudo, o estilo da narrativa, que, dependendo do caso, pode ser realista ou romântica, nervosa ou suave, solene ou irônica, esclarecedora ou misteriosa, além de um texto capaz de sustentar a *grande reportagem*.

Depois da sua época de ouro, a *grande reportagem* e o jornalismo literário começaram a morrer e hoje agonizam na imprensa escrita, vítimas do pragmatismo empresarial, que tem por únicos objetivos o maior lucro e a menor despesa possíveis.

Foi atrás de uma *grande reportagem* que perdi muito tempo certa vez, conversando com policiais da Divisão de Homicídios, especializada em esclarecer assassinatos misteriosos. Ouvi uma história, depois outra, um caso que ainda era mistério, outro que já havia sido esclarecido, mas nada do que eu queria.

Eu estava atrás de uma história que, além de interessante, permitisse um texto bem elaborado. Queria escrever uma matéria sobre um caso que envolvesse tragédia, mistério, investigação e suspense. Delegados, investigadores, escrivães, peritos, nenhum deles tinha a história que eu queria.

Uma tarde cruzei no corredor com o delegado Martinho Pereira Barreto. Beirando os 60 anos, ele trabalhava na Divisão de Homicídios. Educado, culto e inteligente, com mais de 30 anos na carreira, estava acostumado a investigar e a esclarecer assassinatos de autoria desconhecida. Fomos até a sua sala, tomamos café e ele me contou a história do dentista Cícero Sumio Yajima. Era a história que eu procurava, a história que eu ia escrever e o *Jornal da Tarde* publicar no dia 8 de junho de 1976, uma terça-feira.

O dentista havia morrido dois meses antes, com um tiro na cabeça, no trevo do km 23 da rodovia Castelo Branco, no caminho que leva de São Paulo a Osasco. O delegado me liberou o inquérito e todos os relatórios das investigações, que estavam em andamento, permanecendo a misteriosa morte ainda sem solução. Um fotógrafo do jornal reproduziu as fotografias que haviam sido feitas por um perito.

Alguns dias depois, eu estava entrevistando Martinho Pereira Barreto, desta vez na casa dele. Na verdade, éramos amigos, trabalhamos muitos anos juntos, eu repórter, ele delegado. É assim que se escreve a *grande reportagem*: com tempo, sem pressão, aguardando o momento certo para pôr o texto no papel. Ela tem de ser pensada e planejada, escrita e reescrita, lida e relida, e isso não se faz de um dia para o outro.

Eu tinha esse tempo. O *Jornal da Tarde* investia no meu trabalho. Foram várias horas conversando com o delegado em mais de um encontro. Ele parecia angustiado diante do desafio: crime ou suicídio? Tudo era mistério na morte do dentista. Depois, conversei com a viúva do dentista e outras pessoas a ele ligadas, até que cheguei à sua amante, personagem que tratei com muito cuidado para não denegrir a imagem da vítima.

Demorei para escrever essa *grande reportagem*. Li e reli as anotações reunidas durante o trabalho de apuração e até de alguma investigação que fiz por conta própria. Mas, se toda uma equipe da Divisão de Homicídios não esclarecia o crime, não seria eu que, sozinho e sem recursos, iria esclarecê-lo.

Em três momentos, ao longo da reportagem, escrevi na primeira pessoa do singular, recurso raramente usado, mas aceito conforme a situação. A matéria foi publicada e eu não voltei ao assunto, primeiro porque outras reportagens tomaram o meu tempo, segundo porque nenhum fato novo surgiu no caso do dentista Cícero Sumio Yajima.

O tempo passou e eu saí do *Jornal da Tarde*. O delegado Martinho Pereira Barreto aposentou-se, depois morreu, levando para o túmulo a dúvida: crime ou suicídio? Nem essa pergunta foi possível responder e a investigação sobre a morte do dentista nunca saiu da estaca zero. O caso foi arquivado pela Justiça Criminal e até hoje, mais de 30 anos decorridos, ainda é um mistério.

O *Jornal da Tarde* valorizava a *grande reportagem*, abrindo espaço e distribuindo esse tipo de matéria entre suas páginas com excelente diagramação e aproveitamento de fotografias, gráficos e desenhos.

Repórter do jornal, eu produzia muita *reportagem comum*. Às vezes, um *furo de reportagem*. Outras vezes, uma *grande reportagem*, que levava até um mês para ficar pronta. Eu sugeria uma *grande reportagem* e o jornal me dava tempo para escrevê-la, arcando com as despesas. Ou era o jornal que me pedia uma *grande reportagem* e então eu saía atrás dela.

NOVELA POLICIAL

1 A misteriosa morte do dentista Cleo... Suímo Yajima desfilou o delegado... Percebe Barreto que, após a morte de... de investigar, ainda não conseguiu re...

Visite e duas pessoas foram ouvidas no inquirido... em sua passagem, enquadrar-se-ia sua última obra... em sua passagem, depois, ele se...

Ele o coberto suficientemente para saber que não gostava de ser interrompido quando estava pensando... Continuava a ler o jornal, abanando...

Repete ele o parvo e ficou abalado para o centro de um tapete preto, no meio da sala... Como se quisesse arrancar do chão a resposta...

O delegado Martinho Pereira Barreto é um homem pouco educado, culto e inteligente... Para o resto do tempo, ele ficou em silêncio...

O dentista Cleo Suímo Yajima era filho de japoneses e tinha uma boa clientela. Morou em Ipiranga e não aos de Ipiranga... Quando, com uma professora de arte, também assim, era pai de duas meninas...

O mistério começou na tarde de 22 de março — uma segunda-feira — no trevo do Km 23 da Rodovia Castello Branco... Yajima, que morava em São Paulo, passou por ali...

Uma jovem alta e bonita foi a primeira pessoa a ver o automóvel em chamas. Ela estava de carro e chegou em poucos minutos ao Posto da Polícia Rodoviária... Quando chegou o carro...

O operário contou ao soldado que estava levando dois trastes, numa obra de terraplenagem... Abandonou o seu trabalho e foi apagar o fogo...

A Polícia de Homicídios estava de plantão à 5 horas e 45 minutos... Quando chegou o delegado... Percebe Barreto, que não conseguia encontrar...

Os técnicos investigaram e não encontraram de que se trata a vítima — não se conhecia a vítima... Ela passava pelo posto de controle de acesso...

O exame do local aumentou o mistério. O Mavrick vermelho, cujo número do chassi... não estava no lado direito, e um revólver caído no asfalto, entre as pernas...

O corpo do dentista Cleo Suímo Yajima, carbonizado, não ligar a motriz, e a revólver caído no asfalto, entre as pernas... não estava no lado direito...

Entre o banco e o vidro traseiro do automóvel, um revólver almeado e, sobre ele, uma pequena lâmpada... Não havia sido acionada...

Sobre o banco amarelo, descobriu-se que o dentista Cleo Suímo Yajima sempre o levava no automóvel, para abastecer seu consultório...

Mas, sobre a pedra, ninguém disse nada. Ela jamais fora vista no caso... Não havia sido acionada...

O tanque de gasolina do carro, que não chegou a explodir... O incêndio não permitiu ao suspeito habitual levantamento...



3 Dois exames no motor do carro-fioz, bobina, bateria revelaram a ausência de funcionamento... O fogo não foi acidental, mas provocado...



O médico e o local do crime foram designados pelo fôlego no perímetro concluir que eles estavam designados na hora do incêndio...

4 Se houve suicídio, o dentista Cleo Suímo Yajima, naturalmente, estava assobio... A gasolina se inflama rapidamente e ele...

5 O caso de Cleo Suímo Yajima, não era o mesmo... Ele não era um homem comum... Ele tinha uma boa clientela...

6 Tudo é mistério na morte do dentista Cleo Suímo Yajima... Não foi possível determinar o assassinato...

O detetive

Em sua mesa, o delegado Martinho Pereira Barreto estava lendo um jornal... Quando, com uma professora de arte, também assim, era pai de duas meninas...



As pistas

As pistas vistas encontradas no carro incendiado foram de pouca ajuda... Não se sabe nem ao menos se o soldado que matou...

3 O local do crime está errado: a vítima foi morta em outro lugar, com sua própria arma... Cleo — Alguns outros do dentista Cleo Suímo Yajima...

4 Se houve suicídio, o dentista Cleo Suímo Yajima, naturalmente, estava assobio... A gasolina se inflama rapidamente e ele...

5 O caso de Cleo Suímo Yajima, não era o mesmo... Ele não era um homem comum... Ele tinha uma boa clientela...

6 Tudo é mistério na morte do dentista Cleo Suímo Yajima... Não foi possível determinar o assassinato...

O mistério do morto captivo: suicídio ou assassinato?

3 O local do crime está errado: a vítima foi morta em outro lugar, com sua própria arma... Cleo — Alguns outros do dentista Cleo Suímo Yajima...



Os exames no motor do carro-fioz...

3 Dois exames no motor do carro-fioz, bobina, bateria revelaram a ausência de funcionamento... O fogo não foi acidental, mas provocado...

O médico e o local do crime foram designados pelo fôlego no perímetro concluir que eles estavam designados na hora do incêndio...

4 Se houve suicídio, o dentista Cleo Suímo Yajima, naturalmente, estava assobio... A gasolina se inflama rapidamente e ele...

5 O caso de Cleo Suímo Yajima, não era o mesmo... Ele não era um homem comum... Ele tinha uma boa clientela...

6 Tudo é mistério na morte do dentista Cleo Suímo Yajima... Não foi possível determinar o assassinato...

5 Um casal aparentemente feliz: Cleo Suímo Yajima e Elizabeth Yoshimura... Cleo Suímo Yajima desfilou o delegado...

Quando juntos, parecia que se amavam bastante, formando um casal perfeito: ele — simpático e elegante, ela, formada e amorosa... Eram, porém, dois seres profundamente diferentes...

Aquele dia 22 de março o dentista Cleo Suímo Yajima havia marcado um compromisso com uma consultoria... Quando chegou o carro...

Elizabeth Yoshimura Yajima esclareceu, também, que o marido saiu do apartamento às onze horas... Ele não se preocupou em telefonar...

Elizabeth Yoshimura Yajima esclareceu, também, que o marido saiu do apartamento às onze horas... Ele não se preocupou em telefonar...

Antes de sair, Cleo beijou a mulher e as filhas, como háia feito desde a infância... Depois, ele mandou as crianças para o banheiro...

Elizabeth contou que o marido nunca andava amarrado... Ela estava irredutível... Qualquer vestígio que pudesse levar a imediata identificação...

3 O local do crime está errado: a vítima foi morta em outro lugar, com sua própria arma... Cleo — Alguns outros do dentista Cleo Suímo Yajima...

4 Se houve suicídio, o dentista Cleo Suímo Yajima, naturalmente, estava assobio... A gasolina se inflama rapidamente e ele...

5 O caso de Cleo Suímo Yajima, não era o mesmo... Ele não era um homem comum... Ele tinha uma boa clientela...

6 Tudo é mistério na morte do dentista Cleo Suímo Yajima... Não foi possível determinar o assassinato...

O caso de Cleo Suímo Yajima, não era o mesmo... Ele não era um homem comum... Ele tinha uma boa clientela...

Tudo é mistério na morte do dentista Cleo Suímo Yajima... Não foi possível determinar o assassinato...